

**O CONCÍLIO DE NICEIA COMO TIPO
TEOLÓGICO E A REPETIÇÃO DOS
PADRÕES HERÉTICOS NAS RELIGIÕES
CONTEMPORÂNEAS**

*The Council of Nicaea as a Theological Type and
the Repetition of Heretical Patterns in
Contemporary Religions*

Fellipe Wood Leite Barbosa

Graduando em Teologia pela FABAT; Graduando em Música pela FABAT.

Matheus Stofel de Souza

Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro; Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mariane de Carvalho Godoi Lopes

Mestranda em Ensino - UERJ; Pós-graduação em Voz Profissional - UNYLEYA; Pós-graduação em Gestão do Ministério de Adoração e Arte; Bacharel em Teologia e Licenciatura em Música - FABAT.

Nilton Marcilio de Souza Guimarães

Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

Vitor Hugo Quima Corrêa

Bacharel, Licenciado e Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e Doutor em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Como citar este artigo: BARBOSA, Fellipe; et. al. O concílio de niceia como tipo teológico e a repetição dos padrões heréticos nas religiões contemporâneas. Revista Brasileira de Teologia. ISSN 1807-7056 | Nº 14 | JUN/DEZ. DE 2025.

RESUMO

O presente artigo analisa o Concílio de Niceia (325 d.C.) não apenas como um marco histórico da ortodoxia cristã, mas como um tipo teológico que se repete na história em confrontos entre a fé apostólica e suas distorções heréticas. O objetivo é identificar a recorrência desses padrões doutrinários desde o período apostólico até a contemporaneidade, demonstrando como elementos panteístas, neopagãos e naturalistas influenciam o pensamento religioso moderno e setores do evangelicalismo atual. O estudo baseia-se em levantamento bibliográfico de obras teológicas e históricas, utilizando abordagem hermenêutica aplicada à análise dos paradigmas doutrinários. Argumenta-se que o padrão herético combatido em Niceia constitui um tipo teológico recorrente, no qual a negação da plena divindade de Cristo ressurge sob novas roupagens nas religiões contemporâneas. Conclui-se que a preservação da ortodoxia cristológica continua sendo um desafio permanente para a Igreja, exigindo retorno constante às Escrituras e à fé confirmada nos primeiros concílios.

Palavras-chave: Concílio de Niceia. Tipologia teológica. Arianismo. Heresias. Ortodoxia cristã.

ABSTRACT

This article examines the Council of Nicaea (A.D. 325) not only as a historical milestone of Christian orthodoxy but also as a theological type, understood as an archetype that recurs throughout history in confrontations between apostolic faith and its heretical distortions. The study aims to identify the recurrence of these doctrinal patterns from the apostolic period to the present, highlighting how pantheistic, neopagan, and naturalistic elements have influenced modern religious thought and contemporary evangelical contexts. The research is based on a bibliographical review of theological and historical works, employing a hermeneutical approach to analyze doctrinal paradigms. It argues that the heretical pattern confronted at Nicaea constitutes a recurring theological type in which the denial of Christ's full divinity reemerges in new forms within contemporary religions. The study concludes that the preservation of Christological orthodoxy remains an enduring challenge for the Church, demanding a continual return to Scripture and to the faith affirmed by the early councils.

Keywords: Council of Nicaea. Theological typology. Arianism. Contemporary religions. Christian orthodoxy.

1. INTRODUÇÃO

A realidade evangélica contemporânea revela um distanciamento crescente entre a prática religiosa e a reflexão teológica fundamentada nas Escrituras. Tal fenômeno tem sido observado por diversos autores na incorporação de ideias próprias do panteísmo e do neopaganismo nas expressões religiosas modernas.

Essa aproximação entre espiritualidade cristã e cosmovisões naturalistas afasta os crentes atuais dos padrões ortodoxos originais que foram confirmados e ratificados no Concílio de Niceia (325 d.C.). A partir do ressurgimento de padrões heréticos identificáveis desde esse período, novas religiões e releituras do cristianismo surgiram. Nesse contexto, o teólogo e hebraísta Luiz Sayão chama a atenção para a influência de concepções filosóficas e simbólicas semelhantes às defendidas por artistas como Raul Seixas, cujas composições expressam uma visão de mundo que relativiza a transcendência e diviniza a criação.¹

A base do pensamento panteísta, representada em parte no repertório do músico brasileiro Raul Seixas, sustenta que há uma integração entre Deus e todas as coisas, negando a existência de um ser pessoal e transcendente. Tal concepção, ao confundir o Criador com a criação, transforma Deus em uma força impessoal e manipulável, influenciando a espiritualidade de muitos cristãos contemporâneos. A Escritura, contudo, apresenta repetidamente a necessidade de distinguir o Deus verdadeiro das falsas divindades, como demonstram as exortações de Moisés ao povo de Israel para rejeitar o culto aos deuses cananeus (Êxodo 20:3; Deuteronômio 6:14-15).²

Essas distorções, que já afetaram o povo de Deus no Antigo Testamento, continuaram a manifestar-se ao longo da história cristã. Durante o período patrístico, movimentos filosóficos e religiosos questionaram a plena divindade de Cristo, levando a Igreja a reunir-se no Concílio de Niceia para afirmar que o Filho é da mesma substância do Pai.³ Tal momento constitui um tipo teológico, isto é, um padrão espiritual e doutrinário que se repete ao longo dos séculos sempre que a pessoa de Cristo é reinterpretada ou reduzida a uma figura simbólica.⁴ O conceito do tipo empregado neste estudo é entendido em sentido analógico, e não profético ou estritamente cristocêntrico, indicando recorrência histórica de estruturas heréticas que se manifestam novamente no

¹ Sayão, 2014, seção "Entre a perspectiva bíblica e a teologia de Raul Seixas".

² **Bíblia Sagrada**. Nova Versão Internacional. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

³ Shelley, 2018, p. 123.

⁴ Hamilton Jr., 2025, p. 35.

contexto pós-moderno.

Na contemporaneidade, essa mesma tendência reaparece sob novas roupagens, que apresentam Jesus como espírito evoluído, modelo moral da humanidade, mas não como Deus encarnado. Essa compreensão reflete a persistência do antigo padrão herético combatido em Niceia, revelando que a luta pela ortodoxia cristológica é contínua e tipologicamente recorrente na história da fé.

A presente pesquisa insere-se nesse debate com o objetivo de analisar o Concílio de Niceia como tipo teológico e identificar a recorrência dos padrões heréticos combatidos pela Igreja desde o período patrístico até as expressões religiosas contemporâneas. O estudo fundamenta-se em levantamento bibliográfico de obras teológicas e históricas de reconhecida relevância, utilizando abordagem hermenêutica e comparativa para examinar a repetição de estruturas doutrinárias ao longo do tempo. O argumento central sustenta que o conflito travado em Niceia representa um arquétipo teológico recorrente, no qual a negação da plena divindade de Cristo ressurgue sob novas formas em diferentes contextos históricos e espirituais. Conclui-se, assim, que a preservação da ortodoxia cristológica constitui um desafio permanente para a Igreja, exigindo constante retorno às Escrituras e à confissão trinitária que fundamentou a fé cristã desde seus primórdios.

2. DISCUSSÃO

2.1 A influência panteísta e neopagã na espiritualidade moderna

Hélder Cardin, em sua obra *Hermenêutica*, destaca já na introdução que o apóstolo Pedro advertiu sobre aqueles que distorcem as Escrituras para a própria destruição (2 Pe 3.16). O autor afirma que “o desafio de todo leitor, estudante e ministro da Palavra de Deus é lê-la, compreendê-la e interpretá-la, **preservando o sentido original** e presumido pelos autores bíblicos” (*grifo nosso*).⁵ Tal observação reforça a necessidade de fidelidade interpretativa frente às leituras distorcidas que têm levado muitas igrejas a caminhos incoerentes.

Seguindo essa linha, as heresias elencadas na Tabela 1, que continuam a se propagar tipologicamente desde o Concílio de Niceia até os dias atuais, podem ser associadas às categorias descritas por Cardin: a crença em sentidos inesgotáveis das Escrituras, a demitização dos textos bíblicos, a determinação subjetiva do significado

⁵ Cardin, 2019, p. 18.

pelo leitor e a releitura da Bíblia segundo princípios linguísticos pós-modernos.

Além das distorções modernas de caráter espiritual e filosófico, há também desvios de natureza interpretativa que contribuem para a propagação de heresias ao longo dos séculos. Augustus Nicodemus, em *A Bíblia e seus intérpretes – Uma breve história da interpretação*, revisita o desenvolvimento hermenêutico desde o Antigo Testamento até a pós-modernidade. Ele explica que as Escrituras, sendo simultaneamente divinas e humanas, apresentam distanciamentos contextuais, culturais, linguísticos e autorais, exigindo um esforço interpretativo que respeite tanto a inspiração quanto a historicidade. O autor identifica que, desde os rabinos e a comunidade de Qumran até os pais da Igreja, surgiram métodos variados de leitura, como o midrash judaico, a alegoria alexandrina e a exegese literal antioquena, que culminaram na consolidação da teologia cristã.⁶

De modo semelhante, Valtair Miranda, em *O Caminho do Cordeiro*, observa que a comunidade de Qumran via a si mesma como o novo Israel, reinterpretando as profecias em favor de uma identidade messiânica própria.⁷ Tais abordagens mostram como, ao longo da história, a busca por novos sentidos pode desviar-se do propósito revelacional, configurando um padrão tipológico semelhante ao das heresias antigas, isto é, a tentativa humana de reescrever o texto sagrado à luz de interesses culturais e filosóficos. Assim, tanto na antiguidade quanto nas correntes espiritualistas modernas, a distorção hermenêutica serve como ponto de contato entre a fé genuína e sua caricatura teológica.

A base do pensamento panteísta, demonstrada no repertório do músico brasileiro, é que existe uma integração entre Deus e todas as coisas que existem, ou seja, não existe “um ser personificado criador acima do universo”.⁸ Como esse pensamento confunde a criação com o criador, ele tem afetado negativamente muitos cristãos, pois, nessa filosofia, Deus se torna um poder manipulável.

A própria Escritura mostra a necessidade de não adorar outros deuses. Moisés orienta o povo de Israel a não adorar os deuses dos cananeus e nem seguir o deus Baal (Êxodo 20:3; Deuteronômio 6:14-15). Antonio Gusso, em sua obra *Pentateuco*, destaca que Moisés aplicou os Dez Mandamentos considerando seu conhecimento e as leis da época, como o código de Hamurabi, buscando orientar o povo de acordo com a realidade

⁶ Nicodemus, 2019, p. 55.

⁷ Miranda, 2011, p. 90.

⁸ Bittencourt, 2017, p. 182.

cultural de então.⁹

Esses exemplos mostram que sempre houve influências externas sobre a moral e a religião, mas que precisamos reter o que é bom e descartar o que é ruim, como Paulo orienta em 1 Tessalonicenses 5:21: “Retende o que é bom; abstende-vos de toda espécie de mal”.

Essas leituras distorcidas e espiritualidades alternativas, portanto, preparam o terreno para o ressurgimento de antigas heresias sob novas roupagens, como se verá na relação entre o arianismo e o contexto contemporâneo.

2.2 Heresias antigas e o paradigma teológico de Niceia

No tempo da Nova Aliança, surgiram várias heresias que se repetem até hoje, com os mesmos nomes ou novos ensinamentos. No século III, filósofos contestaram a divindade de Jesus, e isso foi tratado no Concílio de Niceia. No século IV, questionou-se a humanidade de Jesus, resolvido no Concílio de Calcedônia. Bruce Shelley, em sua obra *História do Cristianismo*, explica como muitas dessas ideias se formaram e se espalharam.

Alister E. McGrath, em *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica – Uma introdução à teologia cristã*, observa que, no período patrístico, especialmente em torno do Credo de Niceia, surgiram diversas escolas teológicas com ênfases distintas. Enquanto a Escola de Alexandria priorizava a interpretação alegórica e a busca por significados espirituais, a Escola de Antioquia valorizava a exegese literal e histórica.¹⁰ Essa tensão entre simbolismo e literalismo moldou o pensamento teológico inicial e serviu de base para a formulação da doutrina trinitária nicena, evidenciando a importância da hermenêutica equilibrada na defesa da fé.

No concílio de Niceia teve como cenário imediato a controvérsia suscitada por Ário, cuja tese subordina a pessoa do Filho ao Pai e nega a sua igualdade ontológica com o Criador. A resposta conciliar explicitou a terminologia *homoousios*, afirmando que o Filho é da mesma substância do Pai e, por conseguinte, plenamente divino. O debate não foi apenas técnico, mas envolveu disputas exegéticas, pastorais e políticas, e gerou uma definição cristológica que serviria como critério normativo para as gerações seguintes. A importância de Niceia reside, portanto, na sua função normativa

⁹ Gusso, 2011, p. 41.

¹⁰ McGrath, 2020, p. 55.

de estabelecer a consubstancialidade do Filho, o concílio constituiu um ponto de referência contra interpretações que reduzam Cristo a mero ser criado, a um modelo ético ou a uma força impessoal, interpretações que reaparecem periodicamente em contextos históricos diversos e que, na linguagem tipológica, configuram o mesmo padrão herético que a Igreja teve de confrontar.¹¹

O arianismo, ao negar a plena divindade de Cristo, estabeleceu um padrão tipológico que se repete em diferentes momentos da história. No plano doutrinário, esse padrão consiste em reduzir o Filho de Deus a uma entidade inferior, racionalizável e culturalmente moldável. No plano espiritual, manifesta-se como a tendência de substituir a revelação pela experiência ou pela razão, transformando o mistério da encarnação em símbolo ético ou psicológico. Na igreja contemporânea, observa-se o mesmo tipo de distorção: Cristo é reinterpretado como mestre moral, energia cósmica ou arquétipo espiritual, a fé é substituída por práticas emotivas e sincréticas e a ortodoxia cede lugar à conveniência cultural. Assim como Niceia enfrentou o arianismo no século IV, a Igreja atual é desafiada a reafirmar a confissão de que “o Verbo era Deus” (João 1:1) e “da mesma substância do Pai”, preservando o núcleo cristológico que sustenta toda a fé.

Tabela 1 - **Padrão tipológico das heresias**

Padrão tipológico	Descrição histórica (séc. IV)	Correspondência na igreja contemporânea (séc. XXI)
Subordinação de Cristo	O Filho é visto como criatura, inferior ao Pai, negando a consubstancialidade (Ário).	Jesus é reduzido a profeta, guia moral ou espírito iluminado, negando-se sua natureza divina.
Racionalização da fé	Tentativa de explicar o mistério trinitário pela razão filosófica, afastando-se da revelação.	Teologias liberais e espiritualidades naturalistas tratam o sobrenatural como metáfora simbólica.

¹¹ Eusébio de Cesareia, **História Eclesiástica**, 2002, p. 167.

Redução ética da cristologia	Cristo é apresentado como exemplo moral, não como Redentor divino.	Ênfase em autoajuda e comportamento moralista, sem referência à expiação ou à encarnação.
Espiritualidade sem encarnação	A união entre o divino e o humano é negada ou minimizada.	Práticas espiritualistas e místicas substituem a salvação objetiva por experiências subjetivas.
Sincretismo e adaptação cultural	A fé é ajustada à filosofia helenista dominante para ser mais “aceitável” culturalmente.	Adaptação da mensagem cristã ao pensamento pós-moderno, emocional e consumista; “tropicalização” da Reforma.

Elaboração dos autores, a partir das definições do Símbolo Niceno (325 d.C.) e dos estudos de Hamilton Jr. (2025) e Eusébio de Cesareia (2002).

A resposta conciliar de Niceia não se limitou a um pronunciamento teológico, mas constituiu uma matriz doutrinária permanente para a Igreja. A tabela 2 a seguir resume as principais afirmações nicenas em contraste com os padrões heréticos combatidos, evidenciando como a confissão trinitária preservou o núcleo da fé cristã.

Tabela 2 - **Resposta de Niceia**¹²

Padrão herético (tipo ariano)	Definição Nicena (325 d.C.)	Princípio teológico reafirmado
Subordinação de Cristo	“O Filho é da mesma substância (<i>homoousios</i>) que o Pai.”	Afirma a plena divindade do Filho e sua eternidade.

¹² Shelley, 2018, p. 123.

Racionalização da fé	“Crer no mistério da Trindade conforme revelado nas Escrituras.”	A revelação precede e orienta a razão.
Redução ética da cristologia	“O Filho é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, para a salvação.”	A salvação depende da união real entre o divino e o humano.
Espiritualidade sem encarnação	“ O verbo se fez carne e habitou entre nós.”	A fé é histórica e encarnada, não simbólica nem mística.
Sincretismo e adaptação cultural	“Uma só fé, um só batismo, uma só Igreja.”	Unidade da fé contra o relativismo e o pluralismo teológico.

Agostinho de Hipona, em *Confissões*, argumenta contra os filósofos que tentavam compreender o divino fora da revelação, afirmando que “errava o homem quando, voltando-se para dentro de si mesmo, buscava fora de Ti aquilo que só em Ti podia encontrar”.¹³ Para Agostinho, a verdade e a sabedoria não residem na razão humana nem nas especulações cosmológicas, mas na Palavra eterna, o Verbo divino que se revelou em Cristo. Essa concepção converge com a teologia do evangelista João, que inicia seu Evangelho afirmando: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez (...) E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (João 1:1-3,14).

Ainda em *Confissões*, é levantada uma reflexão sobre a limitação humana diante da santidade divina: “Estreita é a mansão de minha alma. Amplia-a, para que possas entrar”¹⁴, destacando a dimensão trinitária do ser humano que anseia pela presença de Deus. Mais adiante, afirma que “a amizade deste mundo é uma prostituição contra ti”,¹⁵ enfatizando o chamado à santidade e ao desapego das paixões mundanas. Em outra

¹³ Agostinho, 2024, p. 8.

¹⁴ Agostinho, 2024, p. 8.

¹⁵ Agostinho, 2024, p. 16.

passagem, confessa: “Não guardava a medida do amor”,¹⁶ reconhecendo que o amor verdadeiro só é encontrado em Deus.

Essas passagens refletem a coerência entre a teologia agostiniana e o núcleo niceno: a transcendência de Deus, a necessidade de purificação e a dependência da graça para compreender a verdade.

O estudo das línguas originais é essencial para a correta compreensão teológica. Paulo Won, em *Grego Diário*, destaca que o evangelista João, ao iniciar seu Evangelho, omite o artigo definido diante do termo *Theos* (“Deus”) para enfatizar que o *Logos* é o único e verdadeiro Deus (Jo 1.1). No entanto, a estrutura gramatical do grego permite que, em determinadas construções, palavras assumam funções intercambiáveis de sujeito e predicado.¹⁷ Algumas correntes panteístas e espiritualistas exploram indevidamente essa nuance para afirmar que a ausência do artigo indicaria pluralidade divina, quando, na realidade, trata-se de uma característica da língua grega e não de uma abertura teológica para múltiplos deuses.

2.3 O sincretismo religioso no evangelicalismo contemporâneo

Em seu *devocional 365 Torrentes no Deserto*, Sayão dedica uma página intitulada “A tropicalização da Reforma Protestante”, na qual endossa os argumentos supracitados com erudição e sensibilidade cultural. O autor destaca que, embora a Reforma Protestante tenha sido um marco decisivo para o desenvolvimento do evangelho de Cristo, o crescimento desordenado de inúmeras denominações evangélicas “se afastou bastante de suas raízes e mostrou-se delineado por forte misticismo, marcado por experiências existenciais e espirituais frágeis e até mesmo pré-modernas”.¹⁸ Essa observação evidencia a coerência entre a crítica teológica de Sayão e sua preocupação pastoral com o rumo do evangelicalismo brasileiro.

As pessoas e igrejas que se afastam desse contexto acabam seguindo uma teologia pobre, sem estudo das Escrituras nem dos pais da igreja, buscando ideias que lembram as heresias iniciais, sejam liberais, místicas ou extremistas.

É mais fácil acreditar em qualquer coisa do que se esforçar para crer no que é verdadeiro. É mais fácil focar no que agrada no presente do que no que realmente

¹⁶ Agostinho, 2024, p. 22.

¹⁷ Won, 2022, p. 32.

¹⁸ Sayão, 2024, p. 381.

importa para Deus. É mais fácil não abandonar os prazeres do corpo do que pedir para ser transformado à imagem de Deus. Mas nem tudo que é fácil é certo. Nem tudo que parece bom agrada a Deus. Raul Seixas sabia disso ao dizer: “Este caminho que eu mesmo escolhi é tão fácil seguir, por não ter onde ir.”

O problema é que esse caminho, em algum momento, vai ter fim e levará a um lugar, que pode ser bom ou ruim. De acordo com a cosmovisão cristã, esse caminho conduz à perdição, como ensina o próprio Cristo.

O crescimento abrupto do evangelicalismo brasileiro tem tornado popular, de forma significativa, a visão panteísta, com igrejas que se abrem a todo tempo em portas de garagem, sem qualquer cuidado, preparo ou visão teológica.

No livro *Reforma Agora*, de Renato Vargens, o autor afirma que “um número incontável de evangélicos brasileiros parece não saber da importância e relevância da Reforma Protestante [...], locais onde a palavra de Deus não ocupa a centralidade, envoltos em misticismo e sincretismo religioso, fazendo com que a igreja não tenha a Bíblia como sua única regra de fé”.¹⁹ A maioria do evangelicalismo brasileiro não provém da Reforma, mas constitui uma mistura mística de elementos espíritas, judaicos e afins, coisas que não existem no cristianismo. Disse o professor Luiz Sayão no podcast *Inteligência LTDA*: “No século 20 vai explodir um movimento que nunca existiu desse jeito na história.”²⁰

A relação entre neopaganismo e pentecostalismo brasileiro é um exemplo disso. Marcado por sincretismo disfarçado, mostra muitas convergências como: êxtase emocional, objetos “ungidos” como talismãs e visão animista do mundo (demônios territoriais, maldições, descarregos). A teologia da prosperidade, com “decretos” e “posse” de bênçãos, ecoa magia cerimonial pagã, enquanto líderes carismáticos funcionam como xamãs. Essa “mistura religiosa” infiltra-se pela baixa formação bíblica, emocionalismo descontrolado e busca por poder imediato, criando um cristianismo nominal que mantém o nome de Jesus, mas opera com lógica pagã.²¹

Charles Spurgeon, em *Spurgeon e os Salmos*, comenta sobre o Salmo 15 que “se aqueles que fazem a pergunta ‘quem habitará no teu tabernáculo?’ fizessem um exame introspectivo, agiriam de forma bem mais sábia. Os membros da igreja visível devem verificar com diligência se seu coração tem o devido preparo para habitar na casa de

¹⁹ Vargens, 2015, p. 12.

²⁰ Sayão, 2025, 00:56:00.

²¹ Vargens, 2015, p. 23.

Deus”.²²

Essa reflexão evidencia que a verdadeira espiritualidade cristã não se baseia em práticas externas, mas em um coração santificado e fiel à verdade revelada. Tal perspectiva se contrapõe ao emocionalismo e ao pragmatismo religioso que marcam o evangelicalismo contemporâneo, reafirmando que a santidade é o critério essencial de comunhão com Deus.

3. CONCLUSÃO

O Concílio de Niceia permanece um marco não apenas histórico, mas também tipológico da luta pela preservação da fé cristológica. O padrão herético combatido no século IV, caracterizado pela subordinação de Cristo, racionalização da fé, redução ética da cristologia, espiritualidade sem encarnação e sincretismo cultural, reaparece sob novas formas nas expressões religiosas e teológicas contemporâneas. Tais distorções compartilham um mesmo princípio: reinterpretar a revelação divina segundo critérios humanos, seja pela filosofia, pela emoção ou pela cultura.

A história mostra que as heresias não surgem apenas por negação aberta da fé, mas também por leituras distorcidas das Escrituras. Desde os primeiros intérpretes apostólicos até os pais da Igreja, a tarefa da hermenêutica cristã tem sido preservar o sentido original pretendido pelos autores inspirados, evitando tanto o literalismo empobrecido quanto a alegorização arbitrária. Como observa Helder Cardin, o desafio de todo leitor e ministro da Palavra é ler e compreender as Escrituras preservando o sentido original, e não moldando-o a expectativas pessoais ou filosóficas.

Nesse sentido, a Tabela 2 demonstra que a resposta de Niceia ao arianismo continua sendo o antídoto teológico contra as mesmas tendências atuais. A confissão de que o Filho é da mesma substância do Pai reafirma a plena divindade de Cristo e estabelece o fundamento da fé. Crer no mistério da Trindade conforme revelado nas Escrituras, reconhecer a encarnação como fato histórico e a salvação como ação divina, são atitudes que contrapõem os padrões modernos de racionalização, ética moralista, espiritualidade simbólica e sincretismo religioso.

A fidelidade ao sentido original das Escrituras, sustentada pela tradição apostólica e patrística, é o caminho pelo qual a Igreja pode evitar as repetições

²² Spurgeon, 2024, p. 49.

tipológicas dos erros antigos. Assim, a hermenêutica correta não é apenas uma questão acadêmica, mas um ato de obediência espiritual. Quando a interpretação é submetida à revelação e não ao contexto, a Igreja se mantém ancorada na mesma fé que confessaram os apóstolos, os pais conciliares e os reformadores.

Dessa forma, o alerta de Luiz Sayão sobre a tropicalização da Reforma e o afastamento das Escrituras encontra eco nas advertências de Agostinho, de que a amizade com o mundo é prostituição contra Deus. Longe das Escrituras como única regra de fé e da herança histórica e reformada, a Igreja repete os erros de Niceia sob novas roupagens. A fidelidade ao Cristo plenamente divino e plenamente humano é, portanto, o critério permanente da ortodoxia. De Gênesis aos concílios, de Moisés a Agostinho, a centralidade de Cristo continua sendo o eixo da verdadeira interpretação, chamando-nos a reter o bem e rejeitar o mal (1Ts 5.21).

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de Murilo Coelho. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 2024.
- BÍBLIA SAGRADA**. Nova Versão Internacional. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
- BITTENCOURT, Miguel Colaço. O panteísmo em perspectiva: localidades, práticas e particularidades em Pernambuco, Brasil. **REIA – Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, Recife, v. 4, n. 4(2), p. 175-198, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/231682>. Acesso em: 08 dez. 2025.
- CARDIN, Helder. *Hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. Tradução de Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002.
- GUSSO, Antonio. **Introdução fundamental e auxílio para interpretação: o Pentateuco**. São Paulo: AD Santos, 2011.
- HAMILTON JR., James M. **Tipologia: compreendendo os padrões moldados pela promessa da Bíblia**. São Paulo: Pronobis, 2025.
- McGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2020.
- MIRANDA, Valtair Afonso. **O caminho do Cordeiro: representação e construção de identidade no Apocalipse de João**. São Paulo: Paulus, 2011.
- NICODEMUS, Augustus. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação**. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- SAYÃO, Luiz. **365 Torrentes no Deserto: reflexões para um ano todo**. São Paulo: Pé da Letra, 2024.

SAYÃO, Luiz; GONÇALVES, Douglas. **Denominações do protestantismo**: Luiz Sayão e Douglas Gonçalves. Inteligência Ltda. Podcast n. 1523. YouTube, 2025. Vídeo (3h07min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-WaMIfp58Cw>. Acesso em: 08 dez. 2025.

SAYÃO, Luiz Alberto. **Agora Sim! Teologia na prática do começo ao fim**. São Paulo: Hagnos, 2014.

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo**: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. São Paulo: Thomas Nelson, 2018.

SPURGEON, Charles. **Spurgeon e os Salmos**. Tradução de Maurício Bezerra Santos Silva. São Paulo: Thomas Nelson, 2024.

VARGENS, Renato. **Reforma Agora**: o antídoto para a confusão evangélica no Brasil. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2015.

WON, Paulo. **Grego Diário**. São Paulo: Vida Nova, 2022.